

Universidade de Brasília  
Instituto de Artes  
Departamento de Artes Visuais

**CAMILLA ANTUNES CORINOS LIMA**

**AQUILO QUE ESCAPA**

Brasília, DF

2018

Universidade de Brasília  
Instituto de Artes  
Departamento de Artes Visuais

CAMILLA ANTUNES CORINOS LIMA

**AQUILO QUE ESCAPA**

Trabalho de conclusão do curso de Artes Plásticas, habilitação em Bacharelado, do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Orientador: Prof. Me. Elder Rocha Lima Filho

Brasília, DF

2018

essa escrita surgiu a partir de notas;                    se compõe por fragmentos.

se não fosse essa a escolha, seria, talvez, menos arriscada. a partir de anotações, teci um caminho de caminhos.

me pergunto então,

qual a nossa disposição, como estudantes de artes plásticas, de tropeçar?

à lena, à abună

à estelina, à uruaçu

às djaniras



*Volpi: olha, eu não tenho preocupação nenhuma, eu simplesmente pinto. quando não estou satisfeito, destruo.*

*(...)*

*entrevistador: você chegou a pintar parede também, não?*

*Volpi: bom, também hoje posso pintar parede, que que tem a parede?*

me encanta a forma como Volpi encara a pintura. ela é o que é, e pronto. penso diversas vezes nessa objetividade, na existência crua. no ofício.

no trabalho que existe porque é natural existir.

escrever sobre meu processo tem sido um desafio. alguns pensamentos e o próprio pensamento intrínseco à pintura parecem por vezes tão bem resolvidos, que me escapam as palavras. por outras, eles são nitidamente incompletos e as palavras se tornam pequenas por não permitir todos esses desdobramentos. as palavras são perigosas mas

deliciosas, sinto vontade de reinventar algumas e desmanchar outras. vão e voltam sempre errando, e assim acertando o caminho. letras pequenas, se embaralhando. palavra-pensamento-fragmento.

a vontade verdadeira é que as palavras fossem para mim o que foram para Bispo

necessárias

partida

quando identifiquei meus interesses, através das minhas referências, pude naturalmente propor questões e discussões que caminham junto com minha produção. dentre essas referências, está fortemente presente a arte outsider (naif/popular/bruta). sendo estudante de artes em uma universidade, e inevitavelmente pensar problemas sobre o espaço em que me insiro, questões surgiram a respeito da produção, da pretensão, da institucionalização. deparei com ideias incompatíveis.

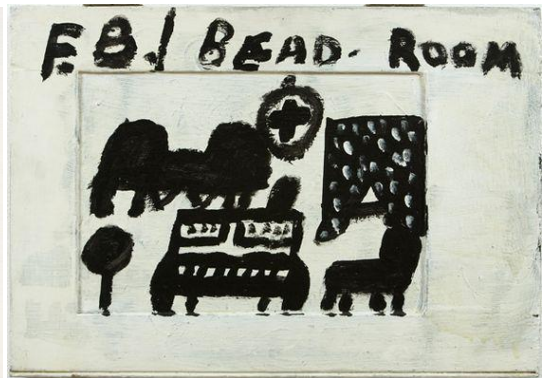
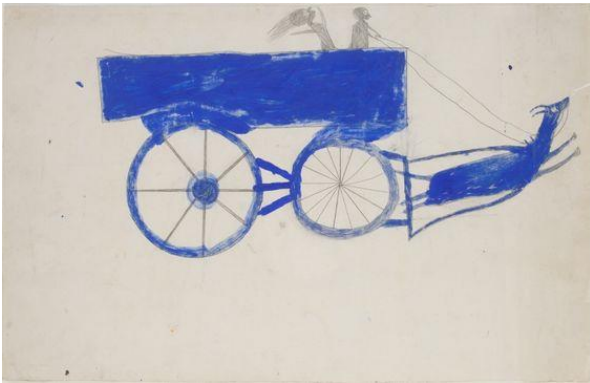
percebi uma visão imediatista da produção nesse espaço. o trabalho limitando-se a uma finalidade. gerando pretenção e amarras.

comecei a pensar na despretenção e na sinceridade do trabalho. o mundo outsider me encantou primeiramente por sua produção incontrolável e ao mesmo tempo invisível. invisível a medida que o trabalho existe, ainda que ninguém vá a seu encontro.

no meio universitário, um meio moldado, estive sempre ao lado de colegas que já seguiam parâmetros da arte e do mercado, mesmo que fora dele. isso era difícil de entender. uma produção que existe para fins determinados, para salões, prêmios, exposições. difícil porque em um espaço de experimentação (e não de desenvolvimento de um trabalho já existente), penso que a única coisa a ser feita é a produção.

(o mundo é cruel e a produção parece por vezes utópica)

existem vários perigos nesse lugar, e um deles é estagnar o próprio trabalho assim que ele é aceito pelas pessoas ou pelo meio artístico. impedir ele de fluir e se multiplicar.





a partir daí decidi dedicar-me inteiramente a produção, começando pela possibilidade de um ateliê e desse exercício que em parte considero utópico. ter um ateliê e a preocupação exclusiva de produzir não é uma realidade de quem precisa viver de arte: fazer refeições e pagar contas.

(impossível saber exatamente o que seria uma entrega por inteiro  
não há medidas para isso que não sejam parâmetros limitadores  
há uma série de demandas externas  
por exemplo finalizar uma pintura  
e se ela nunca for finalizada?)

a produção parte de uma necessidade, inquietude. não se impõe, necessita.

acontece simplesmente porque necessita

as decisões ocorrem durante

as exigências são feitas pelo trabalho, não anteriormente a ele

caminho

...

infinito

a possibilidade do ateliê permite essa infinidade. a coleta do material, a pausa dos trabalhos, a reflexão acerca da apresentação, a fragmentação do/no trabalho, o meio do caminho.

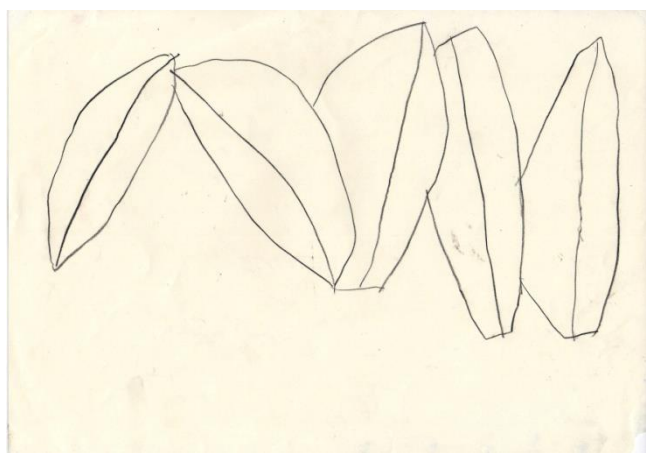
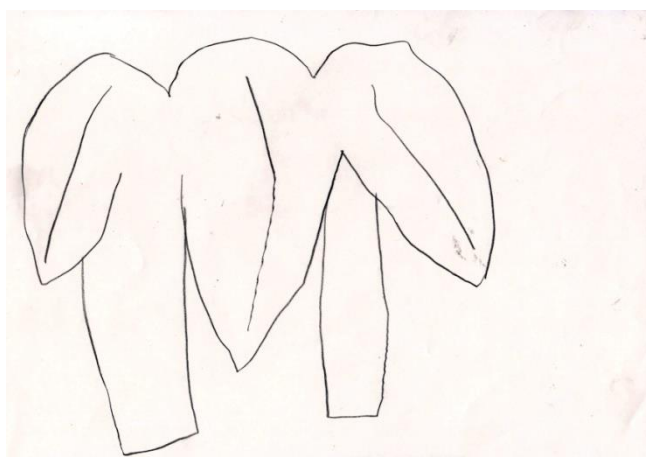
é bonito aceitar o caminho e os erros. começar já é chegar em algum lugar

de certa forma, o desenho é meu começo.

partindo dele,  
permito me desgarrar o suficiente para que existam menos contenções na pintura.

a repetição, exaustão e esgotamento.





o interessante é que quando me coloco na pintura com essa disposição e abertura, ela parece acontecer por conta própria. em especial porque a materialidade da tinta assume esse protagonismo.



o material se impõe. entendi a partir dessa imposição, a possibilidade de expansão da pintura. os vários formatos, acontecendo simultaneamente, permitiram que ela caminhasse nesse espaço, indo e voltando em uma tela e outra. por vezes a pintura parecia existir de forma ampla, ultrapassando sua materialidade.

ampliar, estender.

por isso a crueza

se faz necessário conhecer o material  
e permitir que ele se imponha

me interessa essa entrega



a pintura me levou a muitos lugares. quando me utilizo de grandes quantidades de tinta, me torno secundária. exalto que é ela que me carrega apesar do pincel ser conduzido pela minha mão. essa grande massa

densa

forte

pesada

consistente

imponente

presente

grosseira

nítida

toma frente de tudo e não o contrário. essa massa dita as suas exigências. ela pesa, cai, sobrepõe, espalha, escorre, espirra, jorra, respinga.

pintura também me mostrou a liberdade de pensar

e a liberdade de novas formas de pensamento



em um certo momento aceitei a proximidade entre aquilo que é abstrato e aquilo que é figurativo. a massa de tinta permite esse lugar, onde para além da existência da figura, ela é assumidamente tinta. isso impede que ela seja reduzida a uma forma limitada, porque acima de tudo está ali presente, e se afirma como pintura.

é um lugar onde as coisas-objetos-formas são múltiplas e podem remeter a uma infinidade de realidades. o abstrato e o figurativo se misturam e passam a brincar com aquilo que acreditamos compreender.



me pergunto de onde vem essas figuras

qual é esse imaginário?

anacrônico. antigo. algo enterrado.

me encontrei no trabalho de Jockum Nordström.



Meaningless Strength (Força Sem Sentido), 2009.

Aquarela, grafite, e colagem sobre papel. (105.4 x 71.8 cm)

o trabalho de Jocküm me remete a uma ideia de salto no(s) tempo(s).

um passado idealizado.

algo permanece de outro tempo.





quando o artista é generoso com seus erros

entrevista com o artista Tal R

*“Se você quer uma discussão estética sobre quando uma imagem é fabulosa, é quando algo nela é um movimento imprevisível. A perna de uma mesa posicionada impossivelmente sobre um carpete. E você consegue ver que o artista foi somente generoso com seus erros. Ele não é esperto. Possivelmente porque algo inclina sobre a imagem, algo que não estava relacionado com a imagem. Permitir que isso aconteça não é algo que você pode aprender na escola, e seria uma escola terrível se você tivesse que aprender.*

[...]

*um trabalho de arte medíocre sugere um monte de pensamentos e argumentos. Nós precisamos disso, e aprendemos sobre isso na sétima série quando escrevemos composições (redações). Mas um bom trabalho de arte faz você calar. Você quase perde sua linguagem. E qual é a utilidade de perder sua linguagem? Aí você tem que reinventar as palavras, você tem que voltar a todas as palavras e recuperá-las, ou inventar novas.*

*Agora, mais do que nunca, talvez seja necessário esquecer algumas palavras, e surgir com novas para que sejam as certas.”.*

(tradução livre)



pensar e escrever sobre a produção tem sido uma tarefa árdua.

como colocar em palavras experiências que já são “superadas” mentalmente, processos de pensamento tão estruturados? a minha experiência com a pintura me ensinou justamente esse lugar do pensamento sem precedentes, uma outra forma de pensar, como diz Richter.

(falar sobre seu trabalho não pode significar convencer alguém de alguma coisa)

é difícil especialmente porque me dediquei nos últimos tempos a me desgarrar dessas justificativas. fazer para isso, escrever para aquilo. como relatar aqui algo compatível com a sinceridade com a qual me propus a produzir? é claro que quando falo de despreensão, não me refiro a mim mesma. penso sobre, mas reconheço o meu lugar, os meus privilégios, e o meu esclarecimento. não tenho a intenção de romantizar nada. talvez minha questão seja simplesmente a discussão desse lugar impossível da despreensão.

as vezes eu só quero pintar porque quero que a pintura exista ao meu redor.

sinto essa carência

mas uma vez anotei:

se quer ver algo, faça você mesma (assistindo *beautiful losers*)

e outra vez:

te falta referências se você não estiver disposta a fazer o que você quer ver (assistindo *gummo*)



anonimato

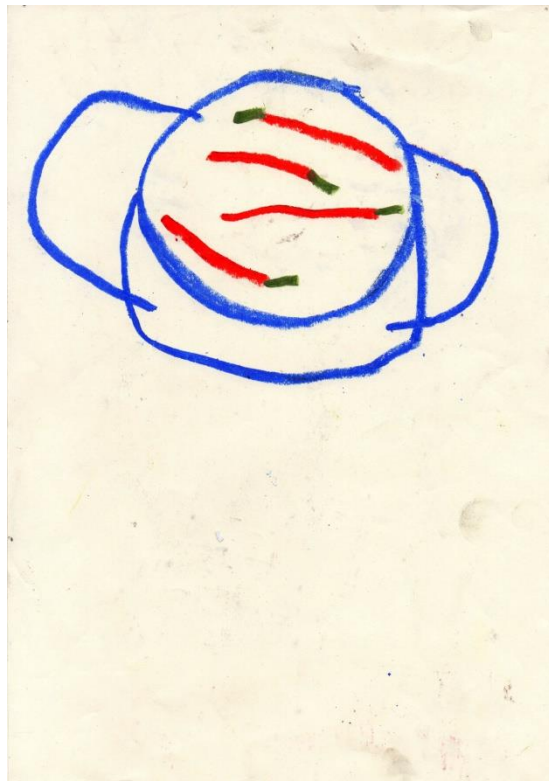
por vezes sinto vontade de não ser associada a meu trabalho. muitas dessas vezes, gostaria de que ele existisse sem esse peso

talvez por isso eu me sinta tão atraída pela simplicidade de formas e desenho. elas remetem a essa facilidade, a uma existência anônima, a algo que você passaria reto, algo que não impressiona, não faz as pessoas admirarem por sua genialidade, pioneirismo, trabalho árduo.

o que me faz pensar na existência do trabalho

sua (des)importância

...





algo da casualidade me atrainha. aceitar as coisas como são  
sejam projetos  
sejam anotações

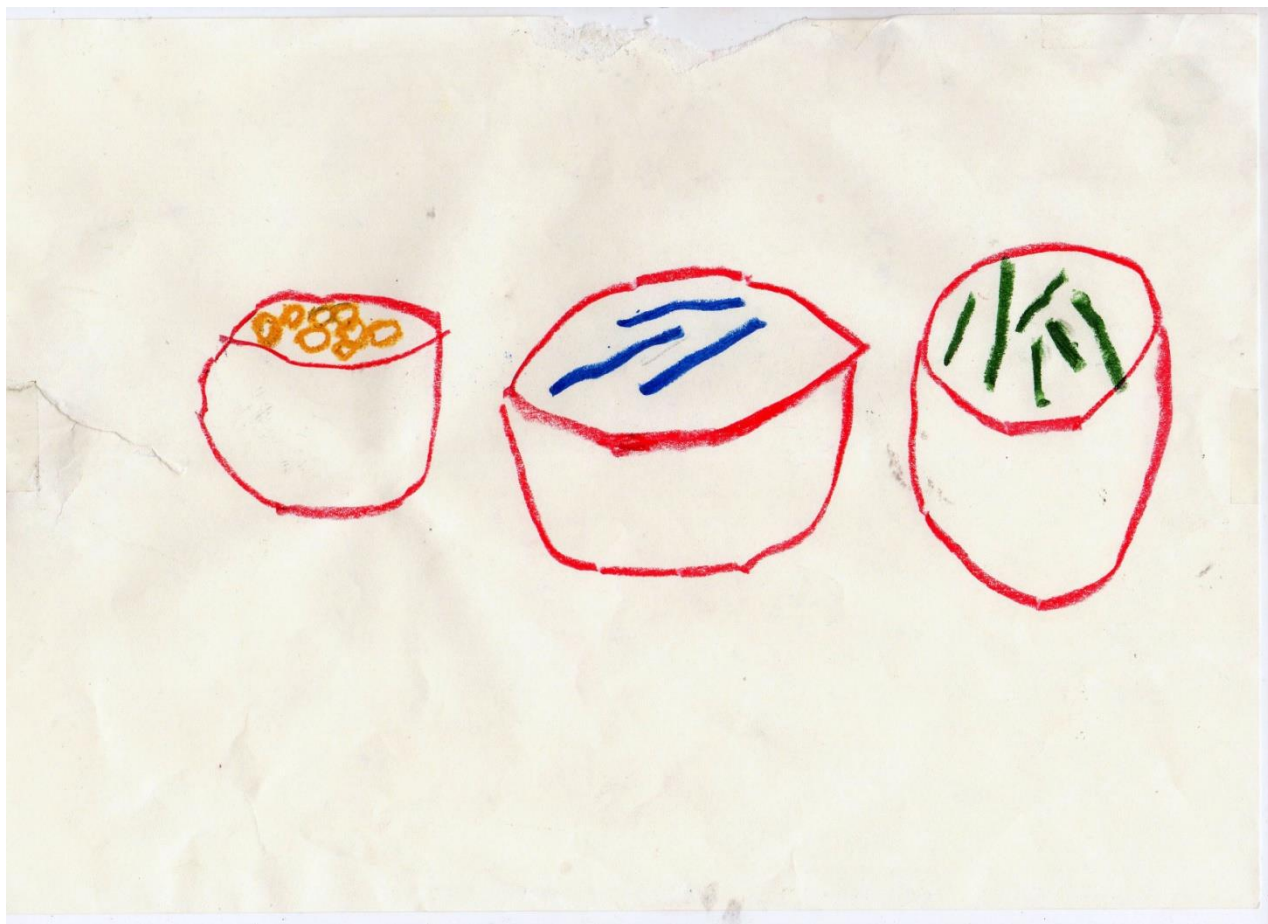


Klára Grančičová, mixed media on paper, various dimensions, 2016/2017

trabalhos-anotações.

esse de Klára, faz parte de uma série titulada “sometimes good, often just noisy” (“às vezes bom, muitas vezes apenas barulhento”).



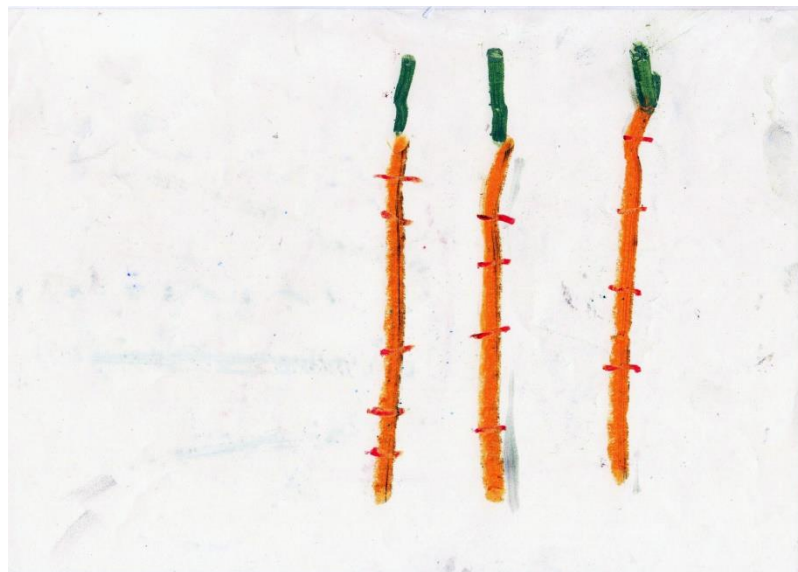
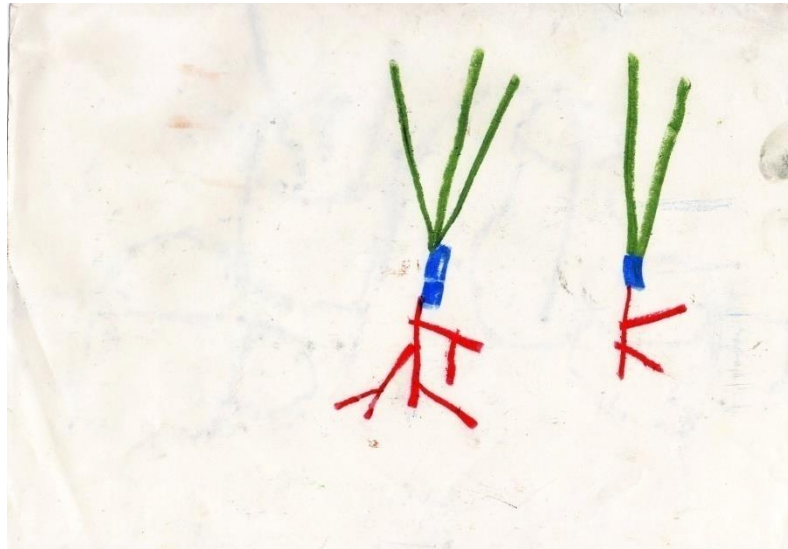


começar algo do zero me interessa bastante, chegando a ser obsessivo. repetir, começar de novo, repetir: ir em encontro com a diferença. a cerâmica e o bordado foram passos importantes nesse processo, em especial por me permitir desgarrar da habilidade.

quando comecei a experimentar tecidos, isso me interessava muito. a crueza como se pode lidar com um material quando não há amarras viciadas no seu uso, na sua finalidade, e por aí vai. não saber exatamente o que fazer com o que lhe é dado é uma boa experiência. simplesmente começar algo que você não tem muitas expectativas sobre onde chegar.

*ou simplesmente porque é da natureza recomençar*







preciosismo

quero justamente usar aquele papel que eu antes não queria usar porque era caro e especial  
pra fazer o risco mais tosco

a tinta a óleo toda carregada de sua realeza  
para a pintura mais desleixada  
sobre aquela tela arduamente preparada  
para se acabar em meia hora

não me interessa o tempo. podem ser segundos ou a vida toda



o primeiro contato da tinta com a superfície é especial e indiferente. é banal e único. é específico e repetido. é relevante e não é.

o que vem antes do acerto?

estive pesquisando os primeiros trabalhos de alguns artistas que são referências essenciais de pintura para mim. comecei por Philip Guston. acredito que cheguei a essa pesquisa porque pensando produção, eu acabo pensando o meio, o caminho. minha carência era de ver essa experimentação que acontece nesse meio. aquele momento em que o trabalho necessita algo e só busca por isso. é só a busca. mas não acredito que seja uma exigência de término, de que se chegue ao ponto final. novamente, uma das minhas obsessões é o começo. começar do zero.



Actor  
 Philip guston  
 1958  
 Guache sobre papel  
 59,1 x 74,3 cm



Last piece  
 Philip guston  
 1958  
 Guache sobre placa  
 55,88 x 76,2 cm



Path II  
Philip guston  
1960  
Óleo sobre tela  
158,75 x 181,61 cm





Position I  
Philip guston  
1965  
Óleo sobre tela  
165,1 x 203,2 cm



Portrait I  
Philip guston  
1965  
Óleo sobre tela  
173,7 x 198,1 cm

a incerteza, o descontrole, a insegurança, são muito mais interessantes.



entrevista com o artista Tal R

*“Se você procurar artistas realmente bons, verá que entre seus trabalhos tem vários erros. Se você viajar dentro de territórios desconhecidos, então pousará em sua barriga pela primeira vez. Em uma pintura ruim, você é como um mentiroso. Você busca honestamente por algo que não conseguiu realizar.”*

*Mas a intenção é talvez ainda mais forte, ainda mais bonita.”*





nota 1: as pessoas ao meu redor estão muito preocupadas com os resultados.

nota 2: abstrato, figurativo, imaginação, observação não se dividem, não se separam (não interessa, não importa);



coleccionando observações sobre o mundo-universo

o trabalho souvenir

o imaginário é parte disso tudo

obs.:

morte ao autor: artista é ego; arte é pública

quando está feito, terminado, não há mais interesse, não há mais empolgação.

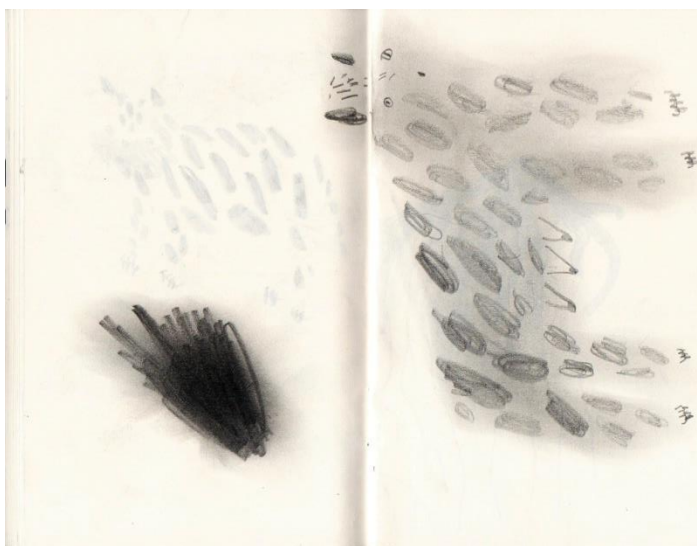
vem sempre uma pintura depois da outra

entrevista com o artista Carl Andre

*“Eu tenho uma teoria de que quando as crianças aprendem a ler, elas param de fazer arte. Porque algo tem que significar algo.*

*Trabalhos de arte não significam nada, eles são realidades. O que realidade significa? Está ali.*

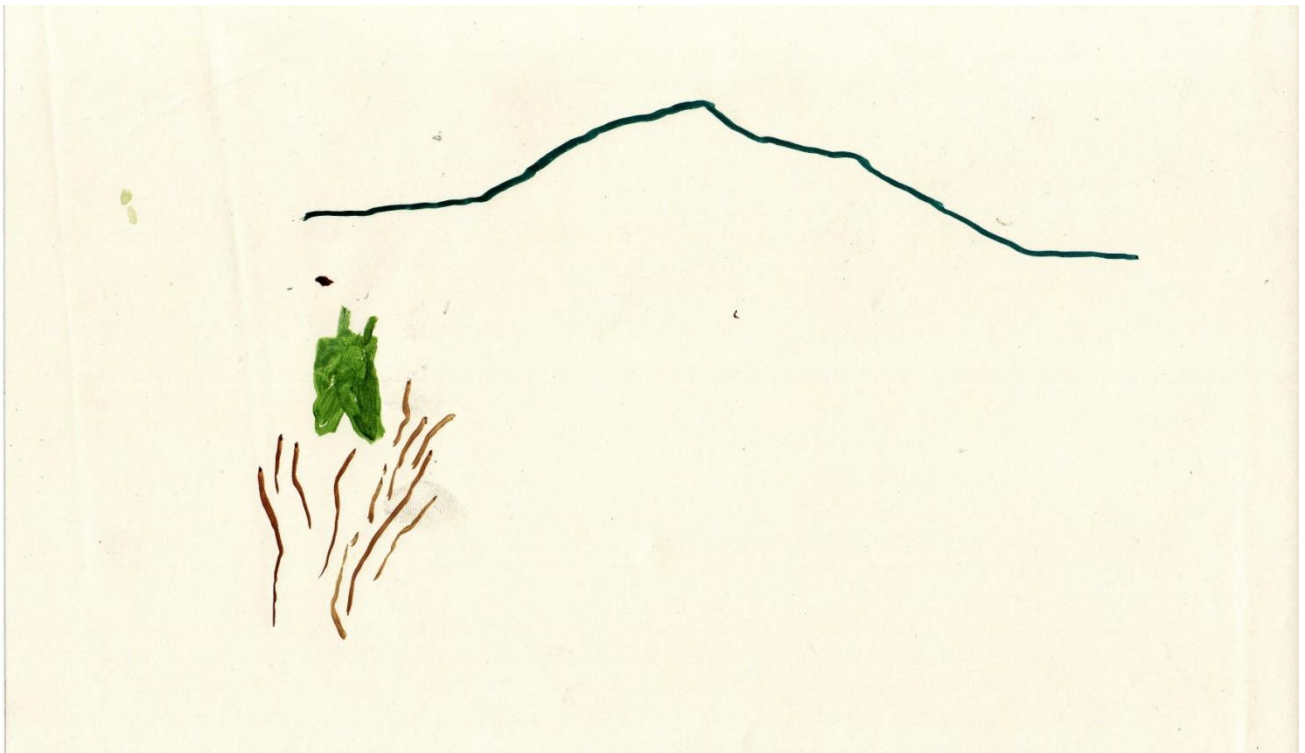
*Porque a nossa cultura tende a transformar tudo em linguagem, perdemos vista do verdadeiro ‘ser’ das coisas.”*



nota:

é arrogante achar que as pessoas não vão te entender e te acessar

(a colisão do tempo de cada um com o tempo de todo mundo)



exercício como a prática, mas também esforço. ofício. me interessa o caminho, o andar e não chegar. carregar, e derramar. repetir e permitir existir aquilo que escapa, o que é inquieto. incansáveis esforços, pequenos e breves. estar constantemente no meio do caminho, sabendo que depois de uma pintura vem outra pintura. o contato da tinta com a superfície é especial e indiferente; banal e único; específico e repetido; seguro e descontrolado. é irrelevante e não é. a intenção é de busca, vontade de fazer; vontade de ver.

enterrar e queimar.

*cultivar a semente até que um dia arrebente o saco cheio de sol.*

(depois de uma pintura vem outra pintura) (depois de uma pintura vem outra pintura)

(infinito)















sem título

quarela sobre linho

2016

14x23 cm



Desconhecido



Desconhecido



Coleção de bonecas de arte popular



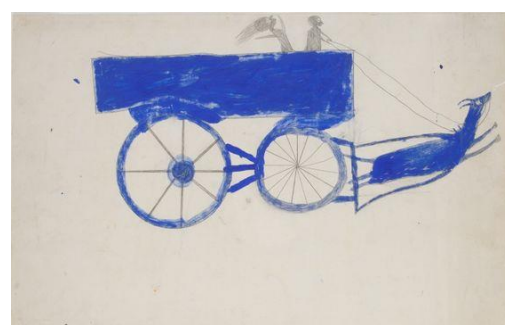
Runaway Goat Cart

Bill Traylor

1939-1942

Aquarela e grafite sobre cartão

(35.6 x 55.9 cm)





Desconhecido



Boneca de pano do começo do século XX



Jarra de louça vermelha polida com alças

4500–4000 a.C. (?), Egito

cerâmica

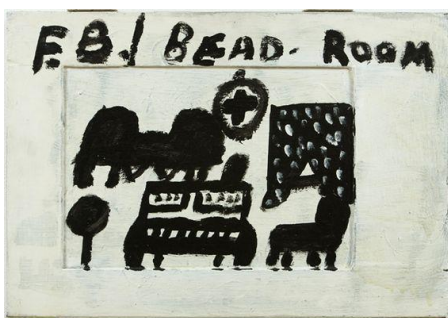


James Castle

Sem título

1935

Fuligem e cuspe em papelão costurado com barbante (21.3 x 27 cm)



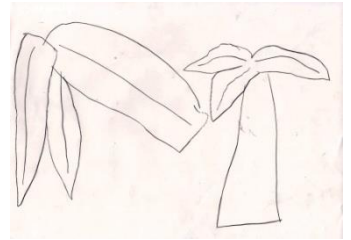
Freddie Brice

Exposição na galeria Kerry Schuss, NY (2010)

desenho

2017

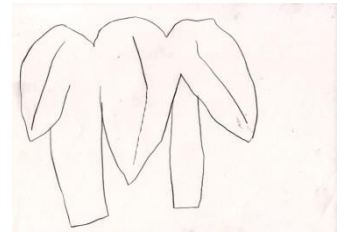
A4



desenho

2017

A4



desenho

2017

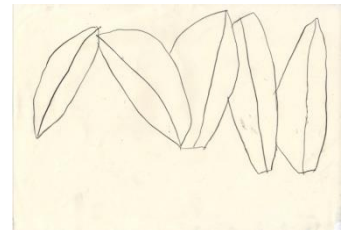
A4



desenho

2017

A4



sem título (díptico)

óleo sobre tela

2017

31 x 28cm; 20 x 12cm



sem título (detalhe)

óleo sobre tela (100 x 80cm)

2017



sem título

óleo sobre madeira (40 x 55cm)

2017





Meaningless Strength (Força Sem Sentido)

Aquarela, grafite, e colagem sobre papel. (105.4 x 71.8 cm)

2009



sem título (detalhe)

óleo sobre tela

2017

100x80cm



idem



aquarela sobre papel

2016



giz pastel sobre papel

2017

A4



giz pastel sobre papel

2017

A4

Klára Grančičová

Técnica mista sobre papel

dimensões variáveis

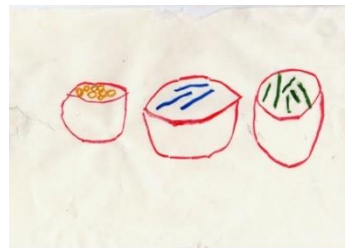
2016/2017



giz pastel sobre papel

2017

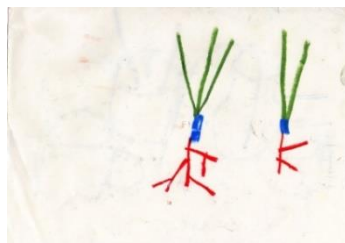
A4



giz pastel sobre papel

2017

A4



giz pastel sobre papel

2017

A4



giz pastel sobre papel

2017

A4



sem título

óleo sobre tela

2017

80x60cm







Actor

Philip guston

1958

Guache sobre papel (59,1 x 74,3 cm)



Last piece

Philip guston

1958

Guache sobre placa (55,88 x 76,2 cm)



Path II

Philip guston

1960

Óleo sobre tela (158,75 x 181,61 cm)



Position I

Philip guston

1965

Óleo sobre tela (165,1 x 203,2 cm)



Portrait I

Philip guston

1965

Óleo sobre tela (173,7 x 198,1 cm)



fotografia analógica pessoal



idem



sem título (detalhe)

aquarela sobre linho

2016

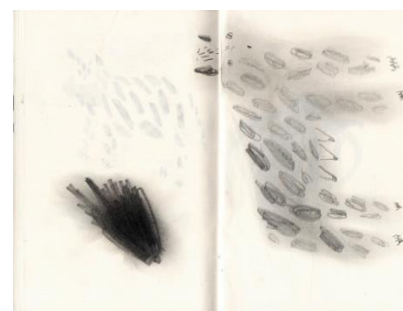
díptico; ambas 20 x 15 cm



desenho em caderno

2016

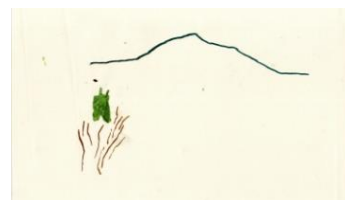
11 x 18 cm



Aquarela sobre papel

2016

A4



aquarela sobre papel

2016

A4



aquarela sobre papel

2016

A4



entrevista com Volpi: Especial Volpi (Tv Cultura 1975-76);

entrevista com Tal R: Louisiana Channel, Louisiana Museum of Modern Art, 2017 (24:04; 26:52);

Richter: filme ‘Gerhard Richter Painting’ (Corinna Belz), 2011 (entrevista de 1966; 09:16);

filme ‘Beautiful Losers’ (Aaron Rose, Joshua Leonard), 2008.;

filme ‘Gummo’ (Harmony Korine), 1997.;

trecho da música “Porque É da Natureza”, Cátia de França;

entrevista com Tal R: filme ‘The Virgin’ (Daniel Dencik), 2013.;

morte ao autor: A MORTE DO AUTOR. Barthes, Roland. [Texto publicado em: O Rumor da Língua. São Paulo: Martins Fontes, 2004];

entrevista com Carl Andre: 'Works of Art Don't Mean Anything' | TateShots (Tate, UK);

trecho da música “Ensacado”, Cátia de França (composição: Cátia de França/ Sergio Natureza);